V. 8, N. 2 (2021)
POVOS E CULTURAS DA REGIÃO AMAZÔNICA: IMIGRAÇÃO, TRABALHO E LUTA
ISSN: 2318-5503

O FUTEBOL TABELA COM A POLÍTICA: O FUTEBOL E AS "DIRETAS JÁ" NOS EDITORIAIS DA REVISTA PLACAR (1982-1984)

THE SOCCER PLAYS A ONE-TWO WITH POLITICS: SOCCER AND "DIRETAS JÁ" SOCIAL MOVEMENT AS COMMENTED IN THE PLACAR'S MAGAZINE EDITORIALS FROM 1982 TO 1984

André Luis Domingos[1]
Marcelo Hornos Steffens[2]

Resumo: Este estudo busca analisar como parte do futebol brasileiro relacionou-se com a política, mais especificamente com o movimento das "Diretas Já". Utilizando como fonte histórica os editoriais da revista Placar entre julho de 1982 e setembro de 1984, o objetivo é entender como se deu o envolvimento e o posicionamento da publicação diante das "Diretas Já", que reivindicava eleições diretas para presidente do Brasil, identificando se houve colaboração, ou não, continuidades e/ou rupturas em relação ao movimento.

Palavras-chave: Diretas Já. Futebol. Redemocratização

Abstract: This study aims to analyze how the Brazilian soccer was related to politics, particularly with the "Diretas Já!" social movement and the relationship of the Placar's magazine with the social movement, which claimed for a direct process for the election of a Brazilian president. For that, scholar's articles and works which used the editorials published by the Placar's magazine from 1982-1984 as their historical source were analyzed. This work examines if there was any supporting or opposing stances from the publication to the "Diretas Já!" movement.

Keywords: Diretas Já. Placar Magazine. Redemocratization

Introdução

A expressão *tabela*, tão presente no mundo do futebol, para nós significa uma relação próxima, quase íntima, que o futebol e a política possuem no Brasil. A política, assim como o futebol, promove discussões cada vez mais intensas, sobretudo nos últimos anos no país, no qual os debates

[1] Possui graduação em História-Licenciatura pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG(; atualmente é discente do curso de Ciências Sociais-Bacharelado pela mesma instituição. Este relatório final foi resultado do projeto de pesquisa de Iniciação Científica PIVIC/UNIFAL-MG, edital 018/2019. Email: andre.dellan@hotmail.com.

[2] Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008). É professor Associado II da Universidade Federal de Alfenas, onde ministra as disciplinas de História Contemporânea; professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (PPGHI/Unifal/MG). Email: marcelo.steffens@unifal-mg.edu.br.

políticos se assemelham a uma disputa de um jogo de futebol, semelhantes aos torcedores de um clube, defendendo o seu partido ou ideologia. Essa troca de passes que caracteriza a *tabela* entre futebol e política está presente e associada a muitas questões esportivas, políticas e até mesmo culturais do país e, esperamos demonstrar isso ao longo deste estudo.

Partimos da hipótese que após a desclassificação do Brasil na Copa do Mundo em 1982, o futebol brasileiro, no qual a revista *Placar* teve um papel relevante para a informação de seus leitores no país, passando pelo processo de aceitação da derrota e de canalização desta frustração, repensando os motivos e causas do insucesso no torneio, voltou-se ainda mais para o contexto político vivido no Brasil, justamente no período em que se que reivindicava a redemocratização. Com a decepção pela perda da Copa do Mundo em 1982, o mundo do futebol precisava encarar outra derrota, agora política, com os problemas pelos quais passava o Brasil, ainda sob uma ditadura que já durava quase 20 anos. Esse envolvimento do futebol nos assuntos políticos já estava acontecendo, uma vez que havia manifestações favoráveis às mudanças, como as "Diretas Já" e o seu envolvimento com o futebol por meio da "Democracia Corinthiana", que abertamente era a favor da campanha pelas eleições diretas. Essa é a *tabela* da qual falaremos a seguir.

1. Discussão teórica e metodológica

Tendo como referencial teórico diferentes autores que discutem a respeito da importância do futebol na construção da sociedade brasileira,[3] é possível afirmar que o desenvolvimento do esporte no país ocorreu e ocorre até hoje, em detrimento de outras questões consideradas mais importantes, como educação e saúde, por exemplo. O futebol teve a capacidade de se tornar um agente fundamental nas múltiplas dimensões do esporte e da própria sociedade.

Sendo assim, não faltam opiniões e questões políticas, sociais, econômicas e ideológicas

[3] Os principais autores que embasam esta reflexão são: CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, 1994, n. 22, p. 41-49; CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, 1994, n. 22, p. 41-49; CHAIM, Aníbal Renan Martinot. *A bola e o chumbo*: futebol e política nos anos de chumbo da ditatura militar brasileira. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014; DAMATTA, Roberto. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, 1994, n. 22, p. 10-17; MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*, São Paulo, 2011, p. 1-16; KOCH, Rodrigo. De virada é mais gostoso? Rupturas e deslocamentos na trajetória do futebol brasileiro. *Esporte & Sociedade*, Campinas, v. 7, n. 20, 2012; SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP,* São Paulo, 1994, n. 22, p. 10-17; VIANA, Nildo. Notas sobre o significado político do futebol. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 10, n. 111, ago. 2010.

no que diz respeito ao futebol. Entendido apenas como uma atividade recreativa, lúdica, um lazer, o futebol pode ser visto como uma ferramenta para desviar a atenção da sociedade de problemas realmente importantes como o desemprego, a má qualidade da educação e saúde, injustiça social, entre muitos outros problemas que podemos encontrar no país. Sob essa ótica, com a qual não concordamos, o futebol, além de ser o ópio do povo, foi uma ferramenta de manipulação das massas por parte da elite dominante, que o utilizou para manutenção das desigualdades sociais ao enaltecer e exaltar as conquistas deste esporte, "deixando para escanteio", utilizando um trocadilho, os assuntos que realmente importam. O sentido de ópio do povo que o futebol carregava, até meados dos anos 1970 e 1980 no país, era

> um documento histórico de uma época que buscava novas categorias de pensamentos que fossem mais condizentes com a luta política. Era um momento que parte considerável da sociedade brasileira buscava ocupar todos os espaços disponíveis de luta.[4]

A questão talvez resida no fato de que não é o futebol em si que aliena a população e a desvia do que é realmente importante na sociedade, mas sim o uso político e ideológico que a classe dominante faz do futebol, assim como ocorre com outras manifestações populares relevantes. Para Caldas, "não é o futebol enquanto tal que aliena. Quem aliena são os governantes que, deliberadamente, usam os esportes de massa com objetivos políticos, quase sempre sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma ética".[5]

Da mesma forma com que o Estado autoritário pôde se apropriar do futebol para corroborar o seu poder, durante a ditadura militar (1964-1985) no Estado democrático o mesmo futebol pode ser uma expressão de liberdade e democracia. Como exemplo, podemos citar o movimento que ficou conhecido como a "Democracia Corinthiana", que mesmo durante um período no qual o Estado não era democrático de fato, aproveitou-se do momento de reabertura política vivida pelo país, em 1983, para tentar mudar o retrógrado sistema autoritário de gestão no futebol, que tanto prejudicava os atletas. Tais mudanças, pautadas pela autonomia dos jogadores, com base no diálogo e decididas pelo voto, transformaram a gestão interna do departamento de futebol do Corinthians, o que refletiu nos resultados em campo e até mesmo fora dele, tornando-se referência no mundo do futebol no que diz respeito a uma gestão participativa e democrática.

Os meios de comunicação, poderosos mecanismos e agentes de informação, como as

[4] SOUZA, Denaldo Archone de. *As origens de "O futebol é o ópio do povo"*. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-origens-de-o-futebol-e-o-opio-do-povo/>. Acesso em: 11 set. 2019, p. 4.

[5] CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*. São Paulo, 1994, n. 22, p. 46.

revistas, negociam um produto muito especial que é capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Maria Helena Rolim Capelato[6] e Tania Regina de Luca[7] foram fundamentais para a análise metodológica das fontes. Uma das ferramentas possíveis para problematizar a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento é a análise do discurso, pois é preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa, além de se considerar aspectos como o destaque conferido ao acontecimento, o local em que se deu a publicação, a sua materialidade e circulação.

A *Placar*, revista brasileira especializada em esportes foi lançada em 20 de março de 1970 pela Editora Abril, pouco antes da Copa do Mundo no mesmo ano, para preencher a lacuna de uma publicação nacional esportiva, cobrindo especialmente o futebol. Com o crescimento econômico do Brasil no começo da década de 1970 e a classe média consumista que se firmou nesse período, a publicação se consolidou com o crescimento econômico do Brasil no começo da década de 1970 e a classe média consumista que se firmou nesse período, especialmente aproveitando-se da repercussão do título mundial da seleção brasileira na Copa do mundo de 1970, no México, como um "terceiro tempo", espaço no qual os torcedores e leitores encontravam a possibilidade de continuar suas discussões sobre o futebol. *Placar* se tornou a maior publicação nacional sobre esportes na década de 1980 e uma das principais responsáveis pela cobertura e informações do futebol nacional e também internacional naquele momento.[8]

Posto isso, a revista *Placar* será utilizada como fonte histórica para entendermos como a revista lidou e se posicionou diante do movimento das "Diretas Já". Analisamos os editoriais assinados pelo jornalista Juca Kfouri no período de 04 de junho de 1982, último número (nº 628) da revista antes do início da Copa do Mundo de 1982, até 28 de setembro de 1984, último número (nº 749) da revista disponível *online* no ano de 1984. O recorte temporal deste estudo se dá entre os anos 1982 e 1984 justamente por ter sido neste período que essa *tabela* entre futebol e política se deu de maneira mais evidente, com a participação do "mundo do futebol" no movimento das "Diretas Já",

[6] CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. *In*: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *História das Américas*: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas, 2015, p. 114-136; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
[7] DE LUCA, Tania Regina. Historia dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.
[8] SCHATZ, Patrícia Volk. *A imprensa escrita entra em campo*: relações entre política e futebol através da análise da revista placar (1974-1982). 2015. 193f. Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015, p. 46.

conexão singular que corrobora nosso argumento de um maior engajamento do futebol nos rumos da política nacional no início dos anos 1980.

2. Resultados

Com o título de "Nosso futebol ainda despreza a maioria", o primeiro editorial que faz menção às "Diretas Já", em 18 de novembro de 1983, toca no assunto ao falar sobre quem deveria assumir o posto de técnico da seleção brasileira, fazendo uma alusão às eleições diretas ocorridas na Argentina para escolha do seu presidente da República. A ideia, proposta pela *Placar*, era também termos eleições diretas para escolha do técnico da seleção nacional.

> As eleições diretas estão na ordem do dia. Se a nação, seguindo o bom exemplo argentino, a aceita quase unanimemente para escolher o próximo presidente da República, **por que não obedecer à opinião da torcida quanto a quem deva ser o técnico da nossa Seleção?**[9]

Não se trata diretamente das "Diretas Já", mas ao falar que "as eleições diretas estão na ordem do dia" há uma evidente relação ao tema que, no fim de 1983, já estava em discussão no país.

A edição número 715, de 04 de fevereiro de 1984, é a primeira em que há menção direta ao movimento das "Diretas Já". Intitulada "Quando é para valer, o povo jamais falta", em alusão ao baixo público nos estádios, quando o assunto era para valer, como a manifestação pró Diretas ocorrida em 25 de janeiro de 1984 em São Paulo, o povo não faltou.

> **"Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos..."** eis aí um coro que nenhum frequentador dos estádios brasileiros desconhece. [...] No último dia 25, em São Paulo, porém, a massa humana - 200, 300, 400 000 pessoas? Impossível um cálculo preciso- que tomou conta da Praça da Sé e adjacências completava o refrão educadamente, civilizadamente, contente: **"... queremos eleger o presidente do Brasil"**.[10]

Placar engrossava o coro de apoio ao movimento pelo voto direto. A publicação deixa evidente a sua posição favorável ao movimento das "Diretas Já", ao afirmar que tanto o eleitor, quanto o torcedor, estão fartos de não poderem decidir os rumos do país e do esporte.

> **O torcedor/eleitor cansou de ser manipulado, enganado, e sabe perfeitamente o que quer.** Por isso ele toma conta das praças para exigir seus direitos como cidadão, por isso ele não vai aos estádios enquanto o campeonato não for para valer. [11]

"As muitas cores de Sócrates" é o título do editorial do número 718 da publicação semanal, em 24 de fevereiro de 1984. Desta vez o destaque era um dos maiores craques do futebol brasileiro

[9] Revista PLACAR, nº 704, 18 nov. 1983, p. 03, grifo nosso.
[10] Revista PLACAR, nº 715, 03 fev. 1984, p. 03, grifo nosso.
[11] Revista PLACAR, nº 715, 03 fev. 1984, p. 03, grifo nosso.

naquele momento: Sócrates. O jogador corinthiano, um dos líderes do movimento Democracia Corinthiana, cada vez mais demonstrava seu apoio ao movimento das "Diretas Já" e *Placar* ressalta a sua importância, tanto para o futebol, quanto política, no sentido de que Sócrates tinha bastante influência no seu clube e também fora dele para apoiar o movimento pelo voto direto.

> **A volta de Sócrates ao time do Corinthians, no último domingo, definiu com cores nítidas o que ele representa para o clube, para o futebol e para o país**. [...] E foi também com seu retorno que a democracia corintiana reapareceu em toda a sua plenitude. [...] Tornozeleiras, fitinhas de pulso, solas ou laterais das chuteiras, **o Corinthians vestiu-se de amarelo, incorporando-se à campanha "Amarelo pelas Diretas"**, lançada em São Paulo na semana que passou.[12]

Mais uma vez a publicação semanal reforçava um dos principais símbolos da campanha, como a cor amarela, além de reforçar a importância de Sócrates, não só para o futebol, mas para a própria sociedade, sendo ele um exemplo a ser seguido.[13]

A edição número 724, em 06 de abril de 1984, não fala em seu editorial sobre as "Diretas Já". Com o título "Cai o técnico, caem os grandes, não fica nada", nessa edição especificamente a relação com o movimento das "Diretas Já" não está presente no editorial, mas sim na capa da publicação.[14] A publicação, mesmo que indiretamente, novamente relacionava o movimento político ao futebol e manifestava seu apoio a campanha das "Diretas", utilizando dos seus símbolos, como a cor amarela, para impulsionar as suas próprias demandas, como a modernização do futebol nacional.

Intitulada "A realização de um antigo sonho", a edição 726 de 20 de abril de 1984 fala novamente sobre a repercussão do movimento das "Diretas Já". Na coluna desta semana, *Placar* falou sobre a demonstração favorável de Pelé ao movimento, que estampou a capa da revista[15] vestindo a característica camisa amarela da seleção brasileira com dizeres em letras pretas "Diretas Já!". "Há um mês, Pelé encarnou o sentimento do país e declarou-se favorável às eleições diretas. [...] O Rei

[12] Revista PLACAR, nº 716, 24 fev. 1984, p. 03, grifo nosso.

[13] A capa da edição número 718 de 24 de fevereiro de 1984 mostra Sócrates, em primeiro plano, durante um jogo do Corinthians vestindo sua tornozeleira amarela em apoio a campanha das Diretas Já. Nas reportagens sobre o jogo são mostradas outras fotos dos demais jogadores vestindo adereços amarelos em alusão a campanha, além de uma entrevista exclusiva com Sócrates, na qual o jogador fala dos seus planos para o futuro e da sua importância política para o país. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=V4_2y4jTP1cC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 nov. 2020.

[14] A capa da publicação número 724, de 04 de abril de 1984, está disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=41n4-5UqVoMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 nov. 2020.

[15] A capa da publicação número 726, de 20 de abril de 1984, está disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=9dJRBV-Smv4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 nov. 2020.

estampa no peito a vontade de quase todos os corações e mentes brasileiros".[16] Sendo um dos principais personagens do futebol no país, o apoio de Pelé ao voto direto e à exposição dessa posição na publicação, era outro sinal do envolvimento do mundo do futebol com o movimento das "Diretas Já". O apoio de Pelé, desde então já considerado maior jogador futebol de todos os tempos, dava peso e importância para o movimento e a *Placar* colaborou para tanto ao expor essa posição em sua coluna semanal, assim como havia feito com Sócrates nas edições anteriores e também posteriores.

Com o título "Dom Sócrates e as eleições diretas já", a edição número 727 de 27 de abril de 1984 é o ponto culminante das "Diretas Já" na revista semanal, a edição em que mais se falou sobre o movimento, de forma incisiva e direta. Sócrates estampou a capa da edição[17] vestido com as roupas de D. Pedro I, em alusão ao dia do fico.[18]

> Não bastasse a vontade expressa nos comícios de norte a sul, **o maior ídolo do futebol brasileiro condicionou a sua permanência no país à aprovação da emenda Dante de Oliveira.** Sócrates está tão interessado nela que, para divulgá-la ainda mais, não teve dúvida em assumir o papel de dom Pedro I, transformando-se na capa desta edição. **Bons tempos estes em que as maiores figuras do nosso esporte assumem suas opiniões e as colocam em discussão abertamente, sem medo da crítica conservadora ou da perda de seus privilégios - Sócrates estará trocando cerca de dois milhões de dólares pelo direito de votar.** Não é a primeira vez, aliás, que ele age assim. [...] **Agora, quando o que está em jogo é incomparavelmente maior, a atitude se repete num gesto generoso de quem perdeu toda a frieza e o famoso autocontrole,** chegando a se emocionar às lágrimas com a multidão de quase dois milhões de pessoas que o aclamou no Vale do Anhangabaú, palco da última manifestação pelas diretas, em São Paulo.[19]

A publicação encerrou seu editorial afirmando que a decisão ou não pela "Diretas Já" influenciaria em muito o futebol nacional, uma vez que caso não fosse aprovada poderia perder o seu maior ídolo naquele momento, além de influenciar também os rumos do esporte. Ficava evidente a expectativa da publicação, assim como de toda a sociedade, da aprovação da emenda pelo voto direto para poder mudar os rumos da política nacional depois de tantos anos, praticamente duas décadas,

[16] Revista PLACAR, nº 726, 20 abr. 1984, p. 03, grifo nosso.

[17] A capa da publicação número 727, de 27 de abril de 1984, assim como uma reportagem e entrevista exclusiva com Sócrates, na qual fala sobre sua decisão dias depois do comício, está disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=u6qtru2TWxYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 nov. 2020.

[18] O Dia do Fico refere-se ao dia 09 de janeiro de 1822, quando o príncipe regente D. Pedro I descumpriu as ordens das Cortes Portuguesas que exigiam seu retorno para Lisboa. D. Pedro I decidiu ficar no Brasil e no dia citado comunicou ao povo a sua decisão, diferentemente do seu pai, D. João VI, que regressou a Portugal. Para maiores informações, acessar: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*, Livro Primeiro: o novo descobrimento do Brasil. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 3 v. 2 t.

[19] Revista PLACAR, nº 727, 27 abr. 1984, p. 03, grifo nosso.

sob um governo militar que cerceava os direitos do povo brasileiro.

> Que os parlamentares brasileiros tenham a mesma generosidade e a sensibilidade de representantes autênticos de quem os elegeu, é o mínimo que todos nós devemos esperar e exigir. Porque, que ninguém duvide, **se as diretas não resolverão os nossos problemas, serão o primeiro passo para tanto**. **Até nos esportes**.[20]

"Aprender a perder para saber vencer" é o título do editorial da edição número 728, de 04 de maio de 1984. Pelo título fica evidente o tom que marcou a coluna semanal: uma reflexão sobre perder e ganhar, pensando sobre o que viria a seguir após a não aprovação da emenda pelo voto direto para presidente da República. Uma amarga, porém, necessária reflexão sobre o que aconteceu na semana anterior.

> Ganhar e perder é do esporte. Talvez seja, aliás, uma das mais belas lições que o esporte ensina. Saber ganhar, saber perder. Na vida é igualzinho. **Quando se sabe perder, arma-se o espírito para saborear a reviravolta e a vitória se torna mais gostosa. A semana que passou foi rica em ensinamentos, neste aspecto**. No esporte e na vida.[21]

O tom resignado, quase melancólico, da coluna semanal evidencia a decepção da publicação, um reflexo da decepção de parte da sociedade brasileira que ansiava pela aprovação da emenda. A reflexão entre saber vencer e saber perder, utilizando o esporte como exemplo para tanto, é bastante pertinente uma vez que é um exemplo que estamos acostumados a ver, especialmente no futebol que nos permite vivenciar grandes reviravoltas. Parece ser essa a expectativa de *Placar* para o futuro, que mesmo com esse tom de tristeza pós-reprovação da emenda, ainda mantinha o desejo de conquistar o voto direto que, na verdade, foi a materialização de um desejo muito maior da sociedade brasileira, o de mudar os rumos da política nacional. Nesse sentido, não havia mais como voltar atrás, a população havia deixado muito claro que não mais aceitaria ficar à parte dessas decisões.

> Perder e ganhar é do esporte e da vida. [...]. **Quase todo o país queria- e continua a querer e deve conquistar- que o sagrado direito de eleger o presidente lhe fosse restituído. Perdeu-se uma batalha e é preciso acatar um resultado que, afinal, foi produto da manifestação de parlamentares eleitos legitimamente pelo povo**. A regra é essa.[22]

Com a emenda reprovada, *Placar* não mais citou o assunto em seus editoriais por algumas semanas, voltando-se especificamente à cobertura das fases finais do campeonato nacional e o início dos campeonatos regionais no país.

[20] Revista PLACAR, nº 727, 27 abr. 1984, p. 03, grifo nosso.
[21] Revista PLACAR, nº 728, 04 mai. 1984, p. 03, grifo nosso.
[22] Revista PLACAR, nº 728, 04 mai. 1984, p. 03, grifo nosso.

3. Considerações finais

Mesmo não conseguindo alcançar seu objetivo principal, o movimento das "Diretas" enfraqueceu definitivamente o regime militar e as suas bases de sustentação que nunca mais foram as mesmas, reduzindo sua capacidade de liderança do processo político de forma favorável à reprodução de sua posição de poder. O amplo apoio sócio-político que o movimentou criou, isolou o regime de tal forma que não houve saída senão ceder, parcialmente é verdade, às pressões que as ruas demandavam.[23] Mesmo com o sentimento de decepção, de tristeza e impotência, devido a não aprovação da emenda, esse momento ficou marcado na história do país, um marco pela reconquista do estado democrático de direito.

A publicação começou a falar sobre as "Diretas Já" ainda no fim de 1983, mas de forma rápida e superficial. Foi somente em 1984, com o interesse da sociedade cada vez maior pelo movimento, que a publicação passou a discutir mais sobre o assunto. O ponto máximo da cobertura se deu em abril, mês culminante da campanha pelo voto direto, sobretudo na edição número 727 de 27 de abril de 1984. É nela que a publicação tratou direta e incisivamente sobre as "Diretas Já" e evidenciou o seu apoio ao movimento, declarando a sua expectativa pela aprovação. Sócrates foi um personagem fundamental para a revista neste sentido, sendo ele o exemplo evidenciado e a ser seguido pelos demais torcedores e também leitores da revista. Em todos os editoriais analisados que falavam sobre as "Diretas Já", houve uma continuidade no apoio ao movimento, de forma que não identificamos nenhuma ruptura no discurso da revista em relação as Diretas. Em síntese, a publicação apoiou e incentivou o movimento para os seus leitores/torcedores desde que começou a tratar sobre o assunto e mesmo após a reprovação da emenda, o discurso ainda era otimista em relação ao futuro no que diz respeito às eleições diretas no país.

[23] BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. *"Eu quero votar para presidente"*: uma análise sobre a Campanha das Diretas. Lua Nova, São Paulo, 2009, n. 76, p. 188.